

A EDUCAÇÃO DUAL NO BRASIL: PERMANÊNCIAS HISTÓRICAS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Jociene Araujo Lima¹,

¹Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, Brasil (e-mail: jociene.araujo@aluno.uece.br)

Resumo: Este ensaio analisa a constituição histórica da educação dual no Brasil e suas permanências nas políticas educacionais contemporâneas. Fundamentado no materialismo histórico-dialético e em revisão bibliográfica, demonstra que a dualidade educacional constitui uma expressão da sociedade de classes, reorganizando-se em diferentes períodos históricos e mantendo, no capitalismo, projetos formativos distintos para as classes dominante e trabalhadora.

Palavras-chave: Educação dual; Sociedade de classes; Capitalismo; Escola pública; Materialismo histórico-dialético.

INTRODUÇÃO

Este ensaio tem como objetivo analisar a constituição histórica da educação dual no Brasil e suas permanências nas políticas e práticas educacionais contemporâneas. Para isso, realizaremos um breve apanhado histórico, examinando como, desde a origem da escola pública, a educação brasileira tem assumido um caráter dual, oferecendo uma formação propedêutica para a classe burguesa e uma formação de caráter profissionalizante (ou técnico) mínima para a classe trabalhadora.

Iremos debater que, ao longo dos anos, a escola, em sua perspectiva dual, afirma-se como um espaço de disputa hegemônica, permeado por contradições e pela reprodução do sistema social, marcado pela luta de classes, conforme afirmam Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista*, ao sustentarem que “até hoje, a história de todas as sociedades é a história das lutas de classes” (Marx; Engels, 2010, p. 40). Nesse sentido, a escola, enquanto microcosmo da sociedade, manifesta tais contradições em suas formas de organização e atendimento educacional, na medida em que, conforme afirma Saviani (2012), a escola não é neutra, pois se organiza de acordo com os interesses de classe.

Em cada tempo histórico ou formação social, segundo Cambi (1999) a educação assume finalidade específicas, e depender dessa finalidade, sua formulação e aplicação vai se modificando, sendo adaptada ao modo de produção vigente. Modo de produção nesta pesquisa se refere ao que Marx (2024) chama de determinante para compreender a história de uma sociedade, para ele não é possível compreender a história de uma

sociedade sem analisar o seu modo de produção, isto é, a forma como os seres humanos produzem a sua existência material ao agir sobre a natureza, transformando-a para satisfazer suas necessidades. Assim, ao se adaptar ao modo de produção vigente a a dualidade educacional se reorganiza historicamente a cada tempo histórico sem jamais ser superada.

Assim, o objeto de estudo desta pesquisa consiste em historicizar a categoria da dualidade educacional, presente ao longo da formação da escola pública desde sua origem, situando-a no interior da sociedade de classes, marcada por interesses antagônicos e por projetos educacionais distintos direcionados a cada classe social. Tal configuração estabelece-se e se mantém até a contemporaneidade. Ademais, embora o neoliberalismo educacional difunda a ideia de uma educação única e as reformas e contrarreformas neoliberais se apresentem sob o discurso da melhoria educacional, faz-se necessário problematizar a que projeto de escola tais propostas se referem, bem como esclarecer a que projeto educacional se opõem no seio da sociedade capitalista.

Essa temática emergidas discussões e questionamentos proporcionados pela disciplina intitulada “TÓPICOS ESPECIAIS II - Origens da escola pública: questões históricas e contemporâneas”, cursada no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino (PPGEEN/UECE). Como metodologia, este estudo fundamenta-se na análise teórico-bibliográfica, ancorada no materialismo histórico-dialético, a partir do diálogo com autores clássicos e contemporâneos do campo da educação crítica, que problematizam a constituição histórica da escola pública, a dualidade



educacional e suas determinações no interior da sociedade de classes.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa possui natureza qualitativa e caráter teórico-bibliográfico, fundamentada no método do materialismo histórico-dialético. O estudo foi desenvolvido por meio da análise de obras clássicas e contemporâneas que discutem a constituição histórica da educação, a dualidade educacional e sua relação com a sociedade de classes. Foram utilizados, como principais referenciais teóricos, autores como Marx, Engels, Saviani, Cambi, Frigotto, Freire, Ponce e Snyders. A análise concentrou-se na compreensão da formação histórica da educação dual no Brasil e de suas permanências nas políticas educacionais contemporâneas, buscando identificar as determinações históricas e sociais que sustentam a diferenciação dos projetos formativos destinados às distintas classes sociais.

O estudo organiza-se da seguinte forma: inicialmente, discutimos a constituição histórica da educação e da dualidade educacional desde as sociedades primitivas até a consolidação do capitalismo. Em seguida, analisamos a escola dual no capitalismo, destacando o papel do Estado, das políticas educacionais e da luta de classes na reprodução e reorganização dessa dualidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DA DUALIDADE EDUCACIONAL

De acordo com Saviani (2012), a origem da educação coincide com a própria origem do homem, na medida em que, ao longo de seu processo de desenvolvimento, o ser humano foi aprendendo e produzindo novas formas de existência. Nas sociedades primitivas, conforme destacam Ponce (2000) a educação, de caráter informal e espontâneo, assegurava a preservação e a transmissão das descobertas e do legado humano às novas gerações por meio da socialização das experiências. Segundo Ponce (2000, p. 19), “[...] as crianças acompanhavam os adultos em todos os seus trabalhos, ajudavam-nos na medida de suas forças. A convivência diária que mantinham com os adultos as introduzia nas crenças e nas práticas do seu grupo social”. Desse modo, a educação surge de forma difusa, social e processual, anterior à existência das instituições escolares formais.

Nessas sociedades primitivas, a educação estava diretamente articulada ao trabalho e à sobrevivência coletiva do grupo. Por meio da participação nas atividades produtivas, como a caça, a coleta e a agricultura, onde uma aprendia vendo na prática as ações cotidianas do grupo.

Do ponto de vista do materialismo histórico, inicialmente a educação formal está relacionada ao modo como os homens produziam sua existência material. Conforme Assim, à medida que se transformam as formas de produção da vida material, transformam-se também as relações sociais, as formas de educação, além de novas finalidades para a escola. A educação formal, neste contexto, não se desenvolve de maneira neutra, mas como parte integrante das condições históricas concretas de cada formação social.

Com a transição para sociedades organizadas a partir da divisão social do trabalho, como exemplo as sociedades escravistas e, depois as sociedades antigas, a educação passa a refletir de modo mais explícito as desigualdades sociais. A constituição das sociedades escravistas representa uma ruptura histórica importante na construção da escola, pois demarca o surgimento da propriedade privada, da divisão social do trabalho e da exploração de uma classe por outra. Emerge deste cenário uma nova e talvez brusca função para a educação, que é a educação institucionalizada como forma de manter a exploração de uma classe sobre outra.

Para Cambi (1999), a educação formal escolar, tal como a conhecemos hoje, tem sua origem na Grécia e em Roma. Nesse período histórico, predominava uma formação voltada aos aspectos políticos, morais, éticos e religiosos, destinada fundamentalmente à classe dominante. Para as classes dominadas, essa educação era, em raras ocasiões, limitada e, na maioria das vezes, inacessível, prevalecendo a educação formal apenas para as grandes elites.

Nos primórdios da educação grega, o dualismo educacional era explícito na sociedade, existia a educação voltada à formação política e retórica dos cidadãos que participavam do governo da pólis e outra educação que era considerada marginalizada porque beneficiava o trabalho manual e os saberes utilitário que servia ao dia a dia.

Assim, com o surgimento das sociedades escravistas e mais adiante no tempo das sociedades antigas, a educação é uma demonstração clara da divisão social do trabalho, e junto com isso, a escola passa a propagação de uma escola dual. Essa dualidade educacional não diz respeito somente ao acesso, sendo uma escola da elite, outras dos trabalhadores, não essa escola tem uma dupla dimensão social, mais também com relação aos seus conteúdos, métodos de ensino, finalidade, objetivos que era diferente no seio da sociedade dividida em classe.

Assim, a educação desde do período pré-grego e greco-romano é também na visão de Cambi (1999, p. 51) uma educação por classe. “Aqui também vigora uma educação que mostra a imagem de uma sociedade nitidamente separada entre dominantes e dominados, entre grupos sociais governantes e grupos subalternos, que contrapõem nitidamente os



modelos educativos. Já nos albosres da pedagogia grega, esse dualismo é claramente tematizado, distinguindo uma educação voltada à formação política e retórica daqueles que participam do governo da pólis e outra que marginaliza o trabalho manual e o saber utilitário”.

Essa interpretação dialoga diretamente com Saviani (2021), ao demonstrar que a dualidade educacional não é um desvio do sistema escolar, mas uma expressão estrutural das sociedades de classe, bem como com Marx, ao evidenciar a centralidade da divisão social do trabalho na organização da educação.

Portanto, a educação formal nasce historicamente como uma educação de classe, estruturada a partir da divisão social do trabalho. A escola não surge como instrumento de reprodução das relações sociais próprias das sociedades, reservando o saber sistematizado à classe dominante e relegando às classes subalternas uma educação prática, vinculada ao trabalho e à submissão.

Assim, a institucionalização formal da escola ocorre quando o conhecimento deixa de ser transmitido pelas atividades cotidianas e passa a ser sistematizado e controlado por uma classe social específica, possuindo uma finalidade para este conhecimento. Esse processo está relacionado a divisão social do trabalho, que separa e classifica o trabalho manual do trabalho intelectual, destinando o domínio do saber nas mãos das classes dominantes, com os trabalhos intelectuais. A escola formal, surge como um elemento estratégico para a reprodução das relações sociais, manutenção das classes.

Dessa forma, durante a Idade Média, a educação permanece marcada por essa dualidade educacional. A formação intelectual, era restrita aos membros do clero e da nobreza, que possuía o domínio da leitura, da escrita e conhecimento do latim, enquanto os trabalhadores mantinham a educação no campo da informalidade aprendendo seus ofícios por meio da prática, nas corporações de ofício, sem acesso ao conhecimento sistematizado (Cambi, 1999).

A escola, nesse período, mantinha a dualidade separando os grupos dominantes e os grupos subalternos, legitimando a ordem social feudal vigente. Essa educação, neste período medieval cumpria e mantinha essa dualidade na medida que difundida os valores como obediência, submissão e aceitação da ordem social vigente, e legitimava a desigualdade social e essa dupla formação e acesso ao conhecimento como expressão da vontade divina. Ou seja, a educação medieval mante a lógica da dualidade educacional, reafirmando novas bases, conseguindo o controle do saber, a legitimação ideológica e a reprodução das relações sociais próprias do modo de produção feudal.

Com o advento da modernidade e a consolidação do capitalismo, a dualidade educacional se mantém e

segundo Frigotto (2019) se reorganiza de maneira complexa. Para o autor no capitalismo, a educação formal assume um caráter contraditório: ela amplia o acesso à escolarização de todos, com discurso de educação para todos mantido inclusive por vários agentes do empresariado, mas mantém uma estrutura dual, oferecendo uma formação ampla para as classes dominantes e uma formação pragmática, mínima e deslocada da realidade para a classe trabalhadora. Essa dualidade se expressa na diferenciação entre escolas, currículos e projetos formativos, orientados para funções sociais distintas

Do ponto de vista histórico, essa análise de Cambi (1999) contribui para compreender que a dualidade educacional não é um fenômeno recente, mas possui raízes históricas profundas, vinculadas à divisão social do trabalho. A separação entre trabalho manual e intelectual constituiu-se como fundamento da organização escolar, influenciando a forma como a educação passou a ser destinada de maneira diferenciada às distintas classes sociais.

Assim, ao analisarmos a reconstrução histórica da educação, a dualidade educacional e a intencionalidade da educação formal não se apresentam de forma casual, mas como um projeto intrínseco à escola, que se mantém e acompanha o desenvolvimento da educação e da sociedade ao longo do tempo. Essa dualidade assume diferentes configurações conforme o modo de produção dominante, mas preserva seu caráter estrutural, uma vez que se vincula à luta histórica entre classes sociais com interesses antagônicos.

Se, nas sociedades antigas e medievais, essa dualidade se expressava de maneira explícita por meio da exclusão de grande parte da população do acesso à escola, no capitalismo ela adquire novos contornos, mantendo, contudo, a lógica de uma educação diferenciada, estreitamente articulada à divisão social do trabalho e à atuação do Estado. É nesse contexto que se torna necessário problematizar a seguinte questão: existe a possibilidade de uma educação formal comum a todas as classes sociais? No próximo tópico, aprofundaremos esse debate.

A ESCOLA DUAL NO CAPITALISMO: EDUCAÇÃO, ESTADO E LUTA DE CLASSES

Iniciaremos nossas reflexões a partir de uma questão amplamente debatida e problematizada por diversos pesquisadores, entre eles Karl Marx, em seus diálogos com o Partido Operário Alemão. O questionamento formulado por Marx, citado por Ana Margarida Campello (2009), diz respeito à possibilidade de existir, nas bases do sistema capitalista, uma educação formal igual para todas as classes sociais.

Nessa mesma perspectiva, nossa pesquisa inicia-se com a seguinte indagação: é possível que a educação



formal, instituída e organizada pelo Estado, seja a mesma tanto para a classe trabalhadora quanto para a elite? Ou será que, assim como a sociedade é atravessada por contradições de classe, a educação também se constitui e se desenvolve a partir dessas contradições?

Para responder a esses questionamentos, parte-se da análise de autores que têm se debruçado criticamente sobre a relação entre educação e sociedade de classes, dentre eles o educador brasileiro Paulo Freire. Em sua obra *“Pedagogia da Autonomia”*, Freire (2009) afirma que toda educação é um ato político, não existindo, portanto, uma prática educativa neutra ou desvinculada dos interesses e das disputas presentes na sociedade de classes (Freire, 2009).

Outro importante pesquisador que se debruçou sobre essa temática foi o educador francês e marxista Georges Snyders. Para Snyders (2005), não existe uma educação única ou neutra na sociedade de classes, uma vez que a educação é utilizada, inclusive, como instrumento de manutenção da ordem social vigente. Nesse sentido, problematizar a educação desvinculada da disputa de classes, segundo o autor, “não passa de uma hipocrisia burguesa destinada a iludir as massas” (Snyders, 2005, p. 31), tendo como finalidade ocultar o caráter político da educação e contribuir para a reprodução da sociedade de classes.

Assim, com base neste e outros autores, quando falamos em escola, não podemos deixar de pontuar que “a história da escola no capitalismo traz consigo uma contradição” (Saviani, 2021, p. 67) a contradição da escola dual. Assim como a história dos homens é marcada pela luta de classes com interesses antagonísticos, na escola também se insere nesse antagonismo. Essa dualidade da escola e da educação formal é reflexo da dualidade existente na sociedade capitalista.

Essa escola dual se caracteriza por objetivo e projeto societário diferente no seio da estrutura capitalista. Mesmo sendo a educação formal oferecida pelo estado nos dois casos, essa educação se diferencia a depender da classe social que o educando seja pertencente. Para o educando oriundo da classe populares encontraremos uma educação formal com um projeto societário, restringido a um a ser elementar e disciplinadora. Para a classe trabalhadora a escola e os conteúdos estão restritos a necessário apenas para reprodução e manutenção da ordem vigente. Enquanto para a classe dominante a escola está a seu serviço, sendo mais um instrumento para materializar seus interesses. Nessa contradição. Assim, a finalidade é que saber elaborado “na sociedade capitalista, torna-se propriedade exclusiva da classe dominante” (Saviani 2021, p. 66).

Essa lógica de controle sobre quem pode ou deve ter acesso ao conhecimento e quais conhecimentos, não

é recente, este molde faz parte da função da escola desde da ontologia da educação escolar no contexto capitalista. Saviani (2021) traz em uma discussão que Adam Smith refer-se no seu livro *A Riqueza das Nações* de 1776, nele havia uma concepção clara de que os trabalhadores deveriam ser educados em doses homeopáticas, com somente o mínimo necessário para produzir e aumentar os lucros do capital. Segundo Saviani, a escola oferece aos trabalhadores apenas o conhecimento “sem o qual eles não poderiam produzir” (2021, p. 66).

Neste cenário, o conhecimento que faz o trabalhador se tornar operacional, mas não autônomo. Para o próprio Saviani (2021) não há rebeldia ou cobrança contra isso por parte da classe trabalhadora, precisamente porque essa conformação do saber tem uma razão estratégica do capital, não permitir que o trabalhador reconheça que ele “é dono de força produtiva” (p. 67), e consequentemente compreenda a seu papel essencial neste processo da força produtiva, e questione e como isso reivindique os meios de produção e outro modo de produção.

Dentro da mesma discussão, Saviani (2021) traz um outro ângulo do problema é que ocultamento da classe dominante sobre os verdadeiros sujeitos históricos produtores do conhecimento, enxergando a classe trabalhadora como não apenas produtora como transmissora desses saberes. Conforme Saviani já afirmava em textos anteriores (1984), a contradição inicia quando este conteúdo designado como válido e pertence à classe dominante é na verdade fruto do processo de desapropriação do conjunto de saber criado e produzido pelas classes trabalhadoras. A classe trabalhadora, neste contexto, teve este “saber desapropriado pelos setores dominante, elaborado e devolvido aos trabalhadores de forma parcelada” (2021, p. 67).

Este parcelamento representa uma educação nos moldes capitalistas: como políticas de acesso mínimas de conhecimento, com conteúdos limitados a funções técnicas para manter o sistema capitalista funcionando. Ainda assim, é importante destacar que essa desapropriação ocorreu de maneira absoluta — isso porque a classe trabalhadora continua sendo, a verdadeira elaboradora do saber, já que ele surge da prática social concreta nas relações sociais. No entanto, o conhecimento a que ela tem acesso continua restrito aos aspectos técnicos e reprodutivos do trabalho, desvinculado de qualquer projeto emancipador que a aproxime da tomada de consciência e dos meios de produção.

Em síntese, para a classe trabalhadora a educação escolar tem sido historicamente restrita a produção de mão de obra qualificada, voltada à reprodução do sistema produtivo. Enquanto isso, todo o saber produzido historicamente é dominado e serve como instrumento de manutenção de domínio de poder da classe dominante, que ao adquirir este conhecimento



(saber sistematizado e cientificamente válido) procura mantê-lo somente em sua esfera, impedindo o acesso ao saber como ferramenta de luta e de tomada dos meios de produção por parte da classe trabalhadora.

Gaudêncio Frigotto vai trazer uma reflexão sobre essa dualidade para o autor:

[...] a dualidade da educação escolar é inerente ao caráter de classe do sistema capitalista da produção da existência dentro do qual a desigualdade lhe é estrutural e imanente, o grau desta dualidade, nas diferentes sociedades, depende da correlação de forças na luta de classes” (Frigotto, 2019, p. 3).

Emerge dessa perspectiva o entendimento de que o autor não concebe a dualidade educacional como uma falha pedagógica ou como resultado de uma época específica. Ao contrário, ele compreende essa dualidade como uma determinação inerente ao sistema capitalista, que nasce da própria desigualdade estrutural desse sistema e se perpetua sob a tutela do Estado.

O Estado, ao manter e legitimar o sistema capitalista, preserva também as desigualdades sociais, uma vez que a organização do trabalho, dos meios de produção e da riqueza permanece concentrada nas mãos da burguesia. Nesse contexto, a educação assume a função de manter esse sistema, preparando os indivíduos de acordo com sua classe social para a reprodução de funções distintas na sociedade. Assim, os filhos das classes dominantes são educados para ocupar posições de direção e poder, enquanto os filhos da classe trabalhadora são formados para manter sua condição de trabalhadores, subordinados e compelidos a vender sua força de trabalho de modo adaptativo às exigências do sistema.

Todavia, uma passagem importante destacada por Frigotto (2019) é que, embora a dualidade educacional formal tenha surgido juntamente com a própria educação, ela não se mantém de forma idêntica em todos os contextos históricos. Isso ocorre porque a luta de classes assume configurações distintas e apresenta maior ou menor intensidade em cada período histórico, o que altera o grau e a forma como essa dualidade se expressa em diferentes contextos.

As reformas educacionais implementadas no atual contexto neoliberal constituem uma expressão desse processo, na medida em que revelam a disputa por projetos societários. Trata-se de uma luta na qual diferentes classes sociais buscam controlar os rumos da educação, uma vez que compreendem que quem controla a escola controla, em grande medida, o trabalho, a produção da riqueza e a reprodução das relações sociais.

Assim, a cada nova configuração das lutas de classe, a dualidade educacional vem sendo historicamente recomposta, incorporando novos elementos que, em determinados momentos, beneficiam mais um

segmento da sociedade de classes do que outro. Segundo Frigotto (2019) essa dinâmica se explica, em primeiro lugar, pela atuação de educadores e educadoras que, enquanto integrantes da classe trabalhadora, denunciam e buscam evidenciar o antagonismo de classe que sustenta e produz a dualidade educacional.

Em segundo lugar, tal movimento decorre das próprias desigualdades e da exploração vivenciadas pela classe trabalhadora, que, ao longo do tempo, passa a reconhecer a existência de projetos societários distintos, compreendendo que o projeto da elite não atende aos seus interesses. Por fim, destaca-se a luta histórica da classe trabalhadora por uma escola pública de qualidade e por uma educação formal que assegure aos filhos e filhas dos trabalhadores o acesso ao conjunto dos conhecimentos clássicos, fundamentais para a emancipação social e humana.

CONCLUSÃO

Com intuito de analisar a constituição histórica da educação dual no Brasil e suas permanências nas políticas e práticas educacionais contemporâneas, através das obras analisada foi possível observar que a dualidade educacional presente na sociedade capitalista contemporânea não engloba somente o sistema escolar, mas ela nasce como um elemento central da educação formal, sendo um espelho da estrutural social de classe. Assim, desde do início de seu surgimento até a consolidação da escola no capitalismo, a educação tem este caráter dual justamente atender projetos societários antagônico no seio da sociedade de classe, mantendo uma educação dual que atende aos interesses das classes dominantes.

No capitalismo, essa dualidade se aprofunda, se reorganizando historicamente e promovendo duas educações de caráter diferente, uma formação ampla e intelectualizada para as elites e uma formação pragmática, instrumental e limitada para a classe trabalhadora. O Estado no sistema capitalista, tem um papel importantíssimo de mediação de interesses de classe e na legitimação de políticas educacionais que mantenha a educação de maneira dual historicamente, mantendo a desigualdade educacional histórica. Todavia, reconhecer e compreender historicamente essa educação dual é uma forma de pressionar a classe em busca de novo rumo, e de mudanças que seja comprometido com a formação social e critica a todos os indivíduos.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pela concessão da bolsa de pesquisa, cujo apoio foi fundamental para o desenvolvimento deste estudo.



REFERÊNCIAS

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: EdUNESP, 1999.

CAMPELLO, Ana Margarida. **Dualidade Educacional**. In Dicionário da educação profissional e saúde. Disponível em <http://www.sites.epsv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/duaedu.html>. Acesso em 02 de abril de 2021.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Prefácio**. In: Araújo, Ronaldo Marcos de Lima. Ensino médio brasileiro: dualidade, diferenciação escolar e reprodução das desigualdades sociais. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 40.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. Boitempo Editorial, 2024.

Ponce Anibal. **Educação e Luta de Classes**. 17. ed. São Paulo: Cortez; 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 13. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 42. Ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SNYDERS, Georges. **Escola, Classe e luta de classes**. São Paulo: Centauro, 2005.